

“Para muitas mulheres o processo de empoderamento está atrelado à igreja”

Pesquisadora Jacqueline Teixeira diz que projetos na Igreja Universal estimulam empreendedorismo feminino e “domesticação” dos homens. “Damares é muito forte dentro do Governo. Ela pode até cair, mas teria que sangrar muito antes”

[\(El País, 14/05/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Enquanto realizava o mestrado, e, em seguida, o doutorado, a antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira, doutora em antropologia social e pesquisadora do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, mergulhou em alguns projetos voltados para as questões de gênero e direitos reprodutivos dentro da [Igreja Universal do Reino de Deus](#). Uma das maiores organizações religiosas do país, a Universal é o mais representativo grupo neopentecostal brasileiro, com mais de 6.000 templos e 1,8 milhão de fiéis por todo o Brasil segundo o Censo de 2010 do IBGE.

O interesse pela Universal foi despertado na pesquisadora e professora da Faculdade de Educação da USP quando ela encontrou uma série de textos publicados pelo [bispo Edir Macedo](#), fundador da igreja, em defesa da descriminalização do aborto. A partir dali, Jacqueline mergulhou em alguns projetos de gênero, principalmente em defesa das mulheres, desenvolvidos pelo instituição religiosa, presente hoje em vários países. Nesta entrevista, a pesquisadora fala sobre como as questões como violência de gênero, aborto e divórcio são abordadas entre homens e mulheres na Universal e como os evangélicos se veem representados pelo Governo Bolsonaro.

Pergunta. Em sua pesquisa, você viu mulheres que lideram projetos ou participam de alguma forma deles dentro da Igreja Universal. Elas se dizem feministas?

Resposta. Meninas mais jovens têm a necessidade de se

denominar [feministas](#) mesmo dentro da Universal, mas a questão é como isso vai sendo reconhecido pela liderança. Você pode até ser uma feminista, mas dificilmente vai conseguir se casar com um pastor. Por outro lado, esses projetos estão lidando com o empoderamento das mulheres. Na Universal, as mulheres mesmo não sendo reconhecidas como pastoras ou bispas, movimentam todos os projetos de gênero, que são os projetos mais importantes nesse processo de internacionalização, no processo de visibilidade, do que vai para a Record [canal do bispo Edir Macedo, líder da igreja] e o que não vai. Esses projetos relacionados a gênero foram praticamente todos fundados pela filha mais velha de Edir Macedo, Cristiane Cardoso, que apresenta um programa na [TV Record](#) junto ao marido dela que é bispo e hoje é o presidente da Record, Renato Cardoso.

P. E nesses grupos de mulheres há diferença social entre elas? De que forma se dá esse empoderamento?

R. É interessante perceber que é muito comum às mulheres atribuir muitas vezes à igreja seu processo de empoderamento, da mulher que consegue estudar mais, arranja um emprego melhor, melhor que do companheiro, que tem formação maior que a dele, que estuda mais. Elas estudam determinados cursos dentro da igreja, aprendem a guardar dinheiro, é como se a iniciação civil ocorresse na igreja, e não necessariamente na escola. Na Universal, se você quiser ter uma posição institucional, não pode deixar de estudar. E como as mulheres estão nas religiões, [são maioria, e, de fato, são as que mais estudam no país](#), para muitas dessas mulheres esse processo de empoderamento e autonomia está muito atrelado à igreja. Na Universal tem formação de esteticista. E qual foi o setor de serviço que mais cresceu nos últimos anos? Estética. De alguma maneira, foram as igrejas que abriram espaço para cursos e para que [essa ideia do empreendedorismo se tornasse uma questão atrelada ao feminino](#).

P. A Universal também desenvolve projetos sobre violência doméstica?

R. Sim. Durante a minha pesquisa, um dos projetos que eu estudei foi o Raabe, que é o nome de uma prostituta do antigo testamento e é também o nome do grupo de atendimento de [mulheres em situação de violência](#) da Universal desde 2011. O foco é no atendimento jurídico e psicológico a quem

não tem condições de pagar, além de cursos de cura emocional para mulheres vítimas de violência. A partir de 2013, o projeto começou crescer muito nos presídios femininos, e no ano seguinte ganhou um super reforço com uma madrinha nacional que é a Andressa Urach, vice-miss Bumbum que ficou doente [a apresentadora passou 25 dias na UTI em 2014 por uma infecção generalizada por causa do silicone que havia implantado na panturrilha] e se converteu à Igreja Universal. De alguma maneira, ela retoma essa ideia da mulher que sofreu violência, abusos e se torna a grande madrinha das presidiárias e vai para os presídios de todo o Brasil lançando a biografia dela [[Morri para ver](#), editora Planeta]. E essa resposta não emerge necessariamente da necessidade de se proteger a mulher como um sujeito civil, mas fundamentalmente do reconhecimento de que a família heterossexual, que é o bem que se deve defender, não é saudável. E que você precisa então transformar essa heterossexualidade numa coisa saudável.

P. É muito mais uma questão de preservar a família tradicional heterossexual do que de empoderar a mulher.

R. Sim. E a mulher é fundamental nessa família. Você precisa encarar que essa mulher, que é o esteio da família brasileira, morre em situações de violência extrema e que, se a ideia é defender a família, você precisa proteger essa mulher, tirar ela do risco, aceitar o divórcio.... Ao mesmo tempo em que esses projetos foram acontecendo, [emergiu no cenário político nacional a necessidade de se combater a chamada ideologia de gênero](#), fundamentalmente nas escolas. E um dado muito interessante é que nas Câmaras Municipais, praticamente no mesmo mês em que se aprovava a retirada de tudo relacionado a estudo de gênero e sexualidade de parâmetros curriculares, era aprovada também a obrigatoriedade do ensino da [Lei Maria da Penha](#) nas escolas.

P. Por que essa relação?

R. [A Lei Maria da Penha](#) vem sendo operada não como uma pauta feminista, mas como algo fundamental para assegurar a emergência dessa família heterossexual saudável. Nesse processo eu encontrei os projetos da [ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos] [Damares Alves](#). A necessidade de se permitir o debate sobre gênero a partir da Lei Maria da

Penha fez com que determinadas mulheres assumissem posições de poder principalmente nesse novo Governo e a Damares corresponde a essa ideia. Você traz para o religioso uma lei, um discurso jurídico e de alguma maneira coloca esse discurso jurídico como uma resposta religiosa à necessidade de se pensar uma família heterossexual saudável.

P. A questão da violência doméstica é tratada em grupos de homens também?

R. Sim. Não tão diretamente, mas, por exemplo, se você for acusado de violência doméstica, não pode ser pastor. No caso deles, o projeto se chama IntelliMen e o foco está em construir um homem domesticado, voltado para a família, que trabalhe, que estude.

P. Ou seja, construir um homem domesticado e uma mulher empoderada...

R. Sim. Construir uma mulher empoderada, mas voltada para a família. E ela tem que saber que, apesar de toda essa maravilhosidade que ela é, ela tem que dar conta desse homem limitado. E esse homem, conseqüentemente, tem que entender que ele precisa melhorar muito para dar conta dessa mulher.

P. Você acompanhou alguns [grupos de mulheres no WhatsApp durante as eleições](#)? Quais eram os assuntos? Elas apoiavam Bolsonaro?

R. Acompanhei grupos diferentes. Um deles foi o grupo de mulheres evangélicas contra Bolsonaro, formado por ativistas de grupos importantes como o EIG, das Evangélicas pela Igualdade de Gênero, as Evangélicas pela Legalização do Aborto e os Evangélicos pelo Estado de Direito. Nesses grupos, as pautas eram totalmente anti-Bolsonaro. Acompanhei também no WhatsApp os grupos de obreiras e um outro de jovens, ambos da Universal. Nesses dois grupos —e é importante dizer que é só um recorte, pois são feitos de pessoas de São Paulo capital— não havia uma defesa de Bolsonaro. Principalmente porque muitas meninas, muitas jovens eram da periferia da cidade e diziam que não votariam no nele. Os candidatos mais citados eram [Marina Silva \(Rede\)](#), o [cabo Daciolo \(Avante\)](#), como alguém que “não sabemos onde vai dar, mas de repente vale tentar”, e não do de jovens, mas no das obreiras, que são mais velhas, uma tentativa de apostar em [Geraldo](#)

[Alckmin \(PSDB\)](#), por medo. Algumas mulheres falavam de [Fernando Haddad \(PT\)](#), então não votar no PT não era uma questão homogênea. O momento da mudança e da crise nesses grupos nem foi quando Edir Macedo afirmou apoio a Bolsonaro. Nesse momento eu ainda via várias pessoas dizendo que não conseguiam votar em Bolsonaro. O que fez diferença foi quando Haddad deu uma entrevista à TV Aparecida [já no segundo turno] falou mal da Igreja Universal e de Bolsonaro [o candidato petista afirmou que o bispo [Edir Macedo havia declarado apoio a Bolsonaro](#) por “fome de dinheiro” e o chamou de “charlatão fundamentalista”. As declarações de Haddad causaram a indignação de dezenas de bispos nas vésperas do segundo turno e rendeu um processo na justiça contra ele]. Isso acendeu uma crise nos grupos. As pessoas diziam que se elas não votassem em Bolsonaro, elas estariam negando a própria identidade religiosa, afirmando que Haddad iria perseguir a Universal.

P. Na sua opinião, os evangélicos, e as evangélicas, se sentem representados no atual Governo?

R. Sim. Por um lado, o Governo Bolsonaro tem um discurso que recupera e renomeia uma série de questões que o movimento feminista sempre negou, e que de alguma maneira acende uma espécie de ódio às mulheres. Mas, por outro, a representatividade dessas igrejas depende das mulheres dentro do Governo, porque é a esposa do presidente, Michelle Bolsonaro, que é evangélica e leva para o Planalto o trabalho ligado aos surdos e as libras. Os católicos cuidaram das instituições de cegos, para pessoas cadeirantes, mas quem desenvolveu trabalhos com pessoas surdas e foram fundamentais para reconhecimento da libras como língua foram os evangélicos. Para mim, quando [Michelle faz aquele discurso na posse, por meio das libras](#), é naquele momento que vem a performance de uma aliança, porque ela não só está garantindo uma representatividade como mulher evangélica, como garantindo uma representatividade de um discurso que passa como legítimo para os Direitos Humanos, que seria a acessibilidade por libras. É ela e Damares que representam essa aliança. E é por isso que eu acho a Damares muito forte dentro do Governo. Ela pode até cair, mas teria que sangrar muito antes, porque ela é um ponto dessa aliança [[do bolsonarismo com os evangélicos](#)].

P. Quando começou a te chamar atenção as defesas feitas pela Igreja Universal pela descriminalização do [aborto](#)? Quais os argumentos?

R. Os primeiros textos que eu mapeei de [Edir Macedo](#) sobre aborto foi em 2007. Não é necessariamente um princípio ético de defender o direito de a mulher de decidir. Existe uma questão teológica, da defesa de uma fé racional, em que o sujeito tem que estar no controle da sua vida. E aí entra o controle da natalidade, do casamento, das finanças. A defesa da descriminalização do aborto neste caso está ligada a um discurso econômico, de controle de natalidade. É daí que vem a discussão dos direitos reprodutivos, e entra o aborto, a pílula e vasectomia.

P. Dentro dessa defesa da vasectomia, [uma série de reportagens da TVI](#), um canal português, apontaram, no final de 2017, que a Universal manteve uma rede ilegal de adoções em Portugal... De acordo com a reportagem, Edir Macedo recomendava a vasectomia e depois, a adoção.

R. Um dos capítulos da minha tese é sobre isso. Vi em muitas palestras a defesa da adoção: se a pessoa quer ter filho, seria mais factível adotar uma criança que já existe do que colocar outra no mundo. Isso é super performático, pois o próprio Edir Macedo tem um filho adotivo, e a geração de netos toda é adotada. E é dessa geração de netos adotivos que veio essa controvérsia toda narrada pela TV portuguesa. Na década de 90, e isso aparecia em vários relatos até de bispos e dos próprios genros do Edir Macedo, neste processo de internacionalização da igreja, tornou-se super importante pensar em um casal que não tivesse filhos, que pastores e bispos não deveriam ter filhos. Pela voz dele, isso seria tido como um sacrifício. Um processo que ajuda a igreja a ter menos gastos com a família eclesiástica, que é aquela que sai do país para erguer outros templos. Mas eu acho que essa justificativa econômica não dá conta da questão. Junto a isso, penso que a ideia é construir na vida desses bispos e mulheres uma teologia muito realizadora: eleger um sonho, que pode ser a paternidade, e optar por uma causa maior, ou coletiva, que seria a adoção.

P. E quando essa questão do aborto dá um giro?

R. Desde 2016 eu não vi mais a publicação de textos em defesa do aborto

nem na *Folha Universal* e nem nos blogs do Edir Macedo. E no ano passado tivemos uma discussão super importante sobre a PEC 29 (que voltou à pauta no Senado). Em outros momentos, era uma pauta muito importante para a Universal marcar posição favorável ao aborto principalmente para produzir uma oposição clara à defesa que o catolicismo faz [da criminalização]. Então fui percebendo que começou-se a construir um discurso conservador. Primeiro para produzir uma aliança capaz de garantir a eleição de Marcelo Crivella no Rio de Janeiro, que é o Estado mais evangélico do Brasil e, conseqüentemente, é o Estado onde tem mais frequentadores da Assembleia de Deus. E a Igreja Universal é uma denominação historicamente conhecida por não produzir alianças no meio evangélico. É sempre muito sectária e muito criticada. E a gente vai vendo essa necessidade de o Marcelo Crivella se posicionar contrário a algumas questões. Na questão do [Queermuseum, em 2017](#), ele faz questão de dizer que a exposição não iria para o Rio de Janeiro. Ele começa a fazer questão de tomar partido sobre certas moralidades, coisa que não é muito o forte da Universal. Talvez a gente possa dizer que a Universal, politicamente, tem um discurso muito mais liberal, mas essa necessidade de transitar mais pelo Executivo fez com que, de alguma maneira, as pautas defendidas pela igreja fossem sendo moldadas.

Papa Francisco torna obrigatório religiosos denunciarem casos de abusos sexuais

Decreto abre espaço para que a queixa seja feita diretamente ao Vaticano se necessário. Dioceses devem incentivar especialistas de fora da igreja a participarem de investigações

[\(G1, 09/05/2019 - acesse no site de origem\)](#)

O Papa Francisco divulgou nesta quinta-feira (9) um decreto em que torna obrigatório padres e religiosos denunciarem suspeitas de casos de abusos sexuais às autoridades eclesíásticas. A carta também estabelece diretrizes de como as dioceses devem se lidar com as suspeitas de abuso. No entanto, não consta uma orientação para que os casos sejam reportados às autoridades civis.

O decreto papal “Vos estis lux mundi” (Vós sois a luz do mundo) é divulgado em um momento em que a igreja é alvo de diversas denúncias de crimes sexuais, desde pedofilia até abuso contra freiras (leia mais ao final da reportagem).

Em março, o papa já tinha publicado uma lei sobre a [prevenção e o combate à violência sexual](#) contra menores e pessoas vulneráveis, mas não falava sobre a investigação interna dos casos.

O que diz o decreto do Papa:

- Religiosos podem ser responsabilizados por acobertar casos de abuso
- Dioceses têm um ano para criar sistemas simples e acessíveis de notificação de denúncias
- Denúncia pode ser enviada para arcebispo metropolitano ou diretamente para a Santa Sé, dependendo do caso
- Dioceses devem incentivar igrejas a envolver especialistas de fora da Igreja nas investigações
- Vítimas devem receber assistência espiritual e Igreja deve fornecer assistência médica, terapêutica e psicológica
- Investigações devem garantir a confidencialidade dos envolvidos e durar até 90 dias.

O papa orienta ainda que os religiosos acolham, escutem e acompanhem vítimas e suas famílias. O pontífice, porém, mantém a inviolabilidade do sigilo da confissão. Assim, exclui que as denúncias sejam feitas a partir de relatos de fiéis feitos em confessionário.

Quando as suspeitas estiverem relacionadas a religiosos em alta posição hierárquica, como cardeais, patriarcas e bispos, a notificação pode ser enviada a um arcebispo metropolitano ou diretamente para a Santa Sé caso

necessário.

Essa carta emitida diretamente pelo papa modifica diretamente a legislação interna da Igreja (o direito canônico), mas não modifica as sanções já previstas. Até então, os clérigos e religiosos denunciavam os casos de violência de acordo com sua consciência pessoal.

O papa ressalta que os “crimes de abuso sexual ofendem Nosso Senhor, causam danos físicos, psicológicos e espirituais às vítimas e lesam a comunidade dos fiéis”.

Em um momento em que a igreja enfrenta escândalos de violência sexual em vários países, o papa afirma que “deve-se continuar a aprender das lições amargas do passado a fim de olhar com esperança para o futuro”.

A responsabilidade de lutar contra os crimes sexuais recai, em primeiro lugar, segundo o pontífice, “sobre os sucessores dos apóstolos, colocados por Deus no governo pastoral do seu povo”. De acordo com a Associated Press, a igreja católica conta com 415 mil padres e 660 mil religiosas em todo mundo.

O que é considerado abuso?

A carta considera delito sujeito à investigação denúncias que indiquem que algum religioso:

- forçou alguém, com violência, ameaça ou abuso de autoridade, a realizar ou sofrer atos sexuais;
- teve atos sexuais com um menor de idade ou com uma pessoa vulnerável;
- produziu, exibiu, portou ou distribuiu material pornográfico infantil, bem como atuou no recrutamento ou indução de um menor ou pessoa vulnerável a participar em exposições pornográficas.

Escândalos sexuais

A Igreja Católica, que tem 1,3 bilhão de seguidores em todo o mundo, passou por sucessivos escândalos envolvendo abusos nos últimos anos. O Papa Francisco enfrenta divisões agudas em Roma sobre como lidar com as consequências do problema que corrói a autoridade da Igreja e [abala sua](#)

[credibilidade](#).

Casos de pedofilia vieram à tona em diversos países, como Austrália, [Estados Unidos](#) e Chile, onde [34 bispos acusados de acobertar crimes sexuais colocaram seus cargos à disposição do Vaticano](#). No início deste ano, o Papa Francisco admitiu que [padres e bispos abusaram de freiras](#).

Desde o início dos anos 2000, o Vaticano vem tomando medidas para evitar esses casos. Ainda no papado de João Paulo II, foi declarada tolerância zero aos casos de pedofilia, e as denúncias foram estimuladas. O Papa Bento XVI passou a selecionar com mais rigor a entrada dos jovens padres à igreja e afastou muitos religiosos.

Já o Papa Francisco foi o primeiro pontífice a ver a questão como abuso de poder, embora tenha se envolvido em uma polêmica ao defender um bispo chileno - posteriormente, ele reconheceu que cometeu [“graves erros de avaliação”](#) sobre o caso.

Em março, o papa publicou a lei sobre a prevenção e o combate à violência sexual contra pessoas vulneráveis, que se aplicam aos funcionários da Cúria e do Vaticano e ao corpo diplomático.

Crescem pelo país igrejas evangélicas que incluem LGBTI

Centros religiosos pregam interpretação da Bíblia que ‘acolhe’ todas as orientações sexuais, mas se mostram receosos em relação ao novo governo

[\(O Globo, 10/02/2019 - acesse a íntegra no site de origem\)](#)

Ser cristão praticante e gay é menos raro do que se parece. Crescem em todo país as igrejas pentecostais inclusivas, que abraçam os homossexuais. Em oposição ao caráter conservador social da maioria das denominações

evangélicas, organizações como a Igreja Cristã Contemporânea (ICC) e Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) se expandem por vários estados do país.

A catedral da ICC em Madureira, com leitura da Bíblia que não discrimina a homoafetividade, já conta com 3 mil fiéis em uma comunidade que funciona como abrigo para pessoas gays e religiosas. Mas existe receio sobre o futuro dessas congregações com o novo governo, após falas consideradas homofóbicas do atual presidente, Jair Bolsonaro, e de alguns de seus ministros.

— Há 13 anos, quando fundei a igreja, sofri muito preconceito. Mas, a cada ano que passava, a sensação era de que a situação melhorava um degrau — afirma o pastor Marcos Gladstone, que criou a Igreja Cristã Contemporânea (ICC) e é gay. — Agora, parece que tudo está voltando, que os discursos de ódio estão se intensificando. Como se estivéssemos lá no início novamente.

Igreja evangélica compara casais homoafetivos com pirataria, fala em ‘safadeza’ e gera revolta na internet

Post de comunidade cristã dizia “Deus fez a família original, diga não à pirataria” e foi removido de rede social após denúncias.

[\(G1, 21/07/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Uma publicação feita por uma igreja evangélica de São Carlos (SP) em uma rede social causou revolta em internautas. A imagem postada continha desenhos de uma família composta por um casal heterossexual e de um casal homoafetivo com os dizeres “Deus fez a família original, diga não à

pirataria”. Após denúncias, o post foi removido pelo Facebook.



Igreja de São Carlos é acusada de publicação homofóbica (Foto: Reprodução/Facebook)

Os internautas iniciaram uma série de questionamentos e debates nos comentários da publicação, alegando que a igreja fazia postagens homofóbicas. Também fizeram uma “campanha” para que as pessoas denunciassem a página por intolerância à gerência da rede social.

Após a polêmica, a [Igreja Projeto de Deus](#) fez outra publicação afirmando que “estão acostumados com os ataques justamente daqueles que dizem sofrer por serem oprimidos” e publicou uma carta aberta afirmando que não possui nada contra os homossexuais.

O texto diz que “a sociedade laica pode escolher não temer a Deus, mas a Igreja como instituição privada escolhe seguir os ensinamentos bíblicos.

Quem quiser fazer parte da Igreja Projeto de Deus deve seguir o CREDO da igreja. É apenas uma questão de escolha”. Por telefone, o pastor Jean Calegário, responsável pela página e pela comunidade cristã, disse ao G1 que não iria comentar o caso com a imprensa.



Imagem usada por igreja evangélica causou revolta em internautas (Foto: Reprodução/Facebook)

Revolta

O inspetor de alunos e militante do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travetis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) José Carlos Bastos Junior avalia a postagem como homofóbica. “A imagem é de teor preconceituoso, denigre a comunidade LGBT”, afirmou. Ele disse que arquivou todas as publicações e que irá denunciar na Justiça os dizeres da igreja.

Segundo a advogada Janaina Basilio, qualquer pessoa que se sentir ofendida com a postagem pode ingressar com um processo. “Inclusive, o Ministério Público pode agir em nome de todo mundo ou a Defensoria Pública. É a mesma coisa que acontece com as músicas preconceituosas que acabam sendo proibidas de tocar nas rádios, elas não citam diretamente uma pessoa, se referem a um grupo de pessoas, sem ser de forma velada”, disse.

Para a professora Bianca Melger, o posicionamento da igreja vai contra os

princípios cristãos.

“Estão preocupados com o que as pessoas querem ser e isso não é da conta deles. Preconceito e discriminação não estão na Bíblia. Queria fazer parte da comunidade LGBT para poder processá-los, mas, infelizmente, isso não faria com que eles [igreja] fossem seres humanos e cristãos, de fato”, declarou.



Igreja Projeto de Deus em São Carlos (SP) (Foto: Ana Marin/G1)

Ana Marin sob supervisão de Stefhanie Piovezan, do G1 São Carlos e Araraquara.

“Enquanto confessávamos os pecados em seu ouvido ele nos tocava”

Escândalos de pedofilia disparam na Argentina, na terra do Papa Francisco

[\(El País, 09/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Julieta Añazco começou a se lembrar quando nasceu seu neto e sentiu um medo súbito que não podia explicar. “Começaram a vir imagens que eu tinha esquecido e não conseguia evitá-las”, diz Añazco, a poucos metros da catedral da cidade argentina de La Plata. Ainda não tinha 10 anos quando o padre Héctor Ricardo Jiménez a tocou pela primeira vez, durante um acampamento de verão. “Cometia os abusos no momento da confissão. Pedia que fizéssemos uma longa fila e passávamos um a um por uma barraca. Enquanto confessávamos os pecados em seu ouvido, colados a seu corpo, ele nos tocava. E então dizia que o que acontecia lá não podia ser contado, porque era segredo de confissão, e, se o fizéssemos, iríamos para o inferno, porque era um pecado. E lhe obedecíamos”, relata.



Julieta Añazco, sobrevivente de abuso sexual eclesiástico em sua infância, na catedral de La Plata (Foto: Martín Di Maggio)

À noite, afirma que o padre entrava nu na barraca na qual dormia com quatro ou cinco meninas e tocava suas partes íntimas. Também aparecia durante o banho e lhes ensaboava. “Éramos meninas e adolescentes, não sabíamos bem o que estava acontecendo. Ficávamos paralisadas”, diz. A impossibilidade de enfrentar o molestador e o temor de contar o que alguém considerado como “o mais próximo de Deus” fazia com elas se repetem nos depoimentos de muitas vítimas de padres pedófilos que permaneceram em silêncio por décadas. A Argentina, país do papa Francisco, tem sido abalada nos últimos meses por vários escândalos envolvendo padres, e um número cada vez maior de pessoas tem recorrido aos tribunais em busca de justiça.

O caso mais proeminente nas mãos da Justiça argentina é o que investiga supostos abusos cometidos contra crianças surdas em escolas das cidades argentinas de La Plata e Mendoza. Nicolás Corradi, de 82 anos, e Horacio Corbacho, de 56, são acusados de “abuso sexual agravado com relações sexuais e sexo oral” contra pelo menos 20 crianças com deficiência auditiva entre 10 e 12 anos no Instituto Próvolo, em Mendoza. Os alunos eram

forçados a fazer sexo oral na presença dos padres. Alguns foram estuprados e espancados, segundo relatos. O inferno denunciado foi vivido antes por outros alunos na cidade italiana de Verona, onde Corradi foi acusado de abuso sexual na década de sessenta. Em vez de ser expulso da Igreja Católica, seus superiores determinaram sua transferência para a Argentina. Os abusos e espancamentos se repetiram neste país, pela primeira vez em La Plata e depois, em Mendoza. Ambas as arquidioceses negam ter sido informadas sobre seus antecedentes em Verona, o que teria evitado novas humilhações. As vítimas e seus advogados questionam a informação.

“Tolerância zero”

Diante de uma denúncia, os bispos devem afastar o padre, iniciar uma investigação e encaminhá-la ao Vaticano. As diretrizes eclesiais também estabelecem que a Igreja fique ao lado das vítimas e as acompanhe, mesmo que decidam recorrer à Justiça penal. “Há algum tempo a Igreja não apenas tem trabalhado nos casos descobertos de abuso sexual de menores, mas também na formação de sacerdotes. A Igreja tem um olhar não só para ver o que aconteceu, mas também para evitar que aconteça, para fazer o impossível de modo que esses casos não se repitam”, dizem fontes sacerdotais de Buenos Aires. No Vaticano, o papa Francisco exigiu “tolerância zero” contra os padres pedófilos e pediu à hierarquia eclesial que tome as medidas necessárias contra esses crimes.

Em seu país, há denúncias que, em muitos casos, isso não acontece. “As mudanças promovidas por Bergoglio são vernizes, são gestos *pour la galerie*, para salvar a imagem da instituição”, critica o advogado Carlos Lombardi, da Rede de Sobreviventes de Abuso Eclesial. “O superior de Corradi na Itália era o bispo [Giuseppe] Carraro, que agora está em processo de beatificação pelo Papa”, denuncia. Também chama a atenção para o padre Julio César Grassi, que não foi expulso da Igreja apesar de ter sido condenado a 15 anos de prisão por abuso sexual agravado contra um menor. Añazco critica o sigilo com o qual a Igreja realiza a investigação interna sobre sua denúncia e a indiferença do Papa em relação à carta enviada a ele por várias vítimas.

Lombardi representa demandantes contra padres pedófilos há sete anos. Seu

primeiro caso foi o de Iván González, de Mendoza, que começou a ser molestado aos 19 anos pelo então diácono Jorge Luis Morello, responsável por sua formação no seminário. “Começou com carícias no pescoço, dizia que seu pescoço doía. E foi avançando pouco a pouco, até que um dia exagerou no toque e congelei”, lembra González, quase duas décadas depois. Afirma que o abuso durou quatro anos, nos quais o diácono o obrigou a permanecer em silêncio sob a ameaça de que, se alguém soubesse, não poderia entrar no seminário.

Omar tinha 17 anos e era, em suas próprias palavras, um jovem “introvertido, calado e de poucos amigos”. Conta que as humilhações começaram durante um acampamento, quando dividiu a barraca com um padre que havia sido a primeira pessoa à qual teve coragem de confessar que seu pai abusou dele. “Começou com carícias, toques e, em seguida, materializou o abuso. Eu me sentia mal o tempo todo, paralisado, angustiado. Acordava e tinha uma angústia que não passava com nada. Morava com meus avós naquela época e não podia contar à família”, descreve.

Cumplicidade civil

Omar decidiu ir a um psicólogo, mas este lhe recomendou não denunciar o padre para evitar o desgaste e a exposição que enfrentaria. Aceitou o conselho, e o crime prescreveu. O mesmo ocorreu com González. No entanto, depois González decidiu processar a Arquidiocese de Mendoza por danos morais diante das reiteradas recusas para informar-lhe sobre a ação movida contra Morello. O Tribunal Superior de Justiça da província lhe deu razão em 2015 e determinou uma indenização de 3.750 dólares (cerca de 11.700 reais) na época da sentença, em 2014.

González afirma que, em algum momento, todas as vítimas pensam em se suicidar e, por isso, se consideram sobreviventes. Ele acredita que, pouco a pouco, a sociedade argentina começa a entender que não estão mentindo, embora, na época do ocorrido, não tenham oferecido resistência ou feito uma denúncia. “Tem a ver com o poder do agressor sobre a vítima, te paralisa”, explica.

A mudança social também é percebida no número cada vez maior de crianças

que se atrevem a verbalizar o sofrimento, sem esperar o tempo passar. Uma delas foi Renzo, filho de 11 anos de Silvia Muñoz, morador da pequena cidade Entre Ríos. Há alguns meses, Renzo sentou na cama e lhe disse que precisava falar sobre o padre da cidade, o colombiano Juan Diego Escobar. “O padre me leva para uma sala, me tranca e me toca. Toca meu saco, o pinto, por cima da cueca”, disse à mãe. Ela congelou e saiu correndo para chorar desconsoladamente. Depois, decidiu denunciar o padre. A decisão de recorrer à justiça foi criticada inicialmente pelos vizinhos, mas as críticas diminuíram quando houve outra queixa. “Quero que seja preso, porque, caso contrário, continuará fazendo o mesmo em outros lugares”, diz Muñoz. Em poucos meses, começará o julgamento contra o padre Juan José Ilarraz, acusado de abusar de cerca de 50 seminaristas de 10 a 14 anos, entre 1984 e 1992, na cidade de Paraná. “Esta é a ponta do iceberg. À medida que as vítimas percam o medo, saberemos da existência de outros casos”, diz Lombardi.

Mar Centenera

Primeiros gestos de abertura do Vaticano para as mulheres

(El País, 17/08/2016) Papa Francisco começa a dar passos para avançar na chamada “teologia da mulher”

O papa Francisco queria há pelo menos três anos fazer uma “profunda teologia da mulher” para estudar o modo como o seu papel dentro da Igreja pode ser cada vez mais importante. Poucos passos haviam sido dados nessa direção desde que compartilhara a ideia na viagem de volta da Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, em 2013, mas as mudanças começam a chegar.

“Não nos podemos limitar às mulheres coroinhas, à presidenta da Caritas, à

catequista. Tem que haver algo mais. É preciso fazer uma profunda teologia da mulher”, defendia Jorge Mario Bergoglio. Acrescentava então que “a mulher na Igreja é mais importante que os bispos e os padres”, mas é necessário estudar o assunto e explicar melhor a mensagem. Voltou ao tema em maio, quando falou de novo na maior tomada de responsabilidades pelas mulheres. “O papel da mulher na Igreja não é feminismo, é correto. É um direito de todos os batizados”, afirmou.

Seguindo essa ideia, faz justamente um mês decidiu nomear uma mulher como sua vice-porta-voz. É a jornalista espanhola Paloma García Ovejero, de 40 anos, a primeira mulher na história encarregada de transmitir a mensagem do Papa. É um dos gestos que mostram que Francisco quer um Vaticano com cada vez menos italianos, mais laicos e mais mulheres.

Outro passo na direção de aumentar a responsabilidade das mulheres dentro da Igreja chegou no início deste mês, com a criação de uma comissão para estudar a possibilidade de chegarem ao diaconato. Para o Papa, as mulheres diaconisas são “uma possibilidade nos dias de hoje”, por isso, determinou que seja estudado seu papel ao longo da história e na atualidade.

O diaconato é o grau inferior da hierarquia católica, abaixo do sacerdócio. De fato, para os diáconos homens é permitido se casar, sempre que mantenham uma vida em conformidade com os valores cristãos. Um diácono se encarrega de tarefas administrativas e de serviços rotineiros, mas também tem responsabilidades que representariam uma verdadeira mudança no caso de serem realizadas por mulheres: podem administrar o batismo e o casamento, auxiliar na missa, distribuir a eucaristia (mas não consagrá-la) e dirigir uma paróquia.

A decisão do estudo nasceu de forma espontânea em 12 de maio de um encontro que o Papa teve com as religiosas participantes da Assembleia Plenária das Superiores-Gerais no Vaticano. “Por que não criar uma comissão oficial que estude o assunto [das mulheres diaconisas]?”, perguntou uma religiosa, irmã Paola, ao Papa. Francisco achou que era uma boa ideia e criou a comissão em agosto. A religiosa disse estar “verdadeiramente contente pelo passo do papa”, já que, afirma, “as mulheres há muito tempo vêm entrando na Igreja sem reconhecimento, dando uma grande ajuda aos sacerdotes e

enfrentando os muitos problemas que podem existir em uma paróquia”.

O diaconato das mulheres poderia ser um ponto de desentendimento entre os fiéis do Papa e os setores mais conservadores. Não significaria, em absoluto, que as mulheres pudessem ser sacerdotes, uma porta que “está fechada”. “Quanto à ordenação das mulheres, a Igreja falou e disse não. Quem disse isso foi João Paulo II, mas com uma formulação definitiva. Essa porta está fechada”, disse Francisco.

De fato, há mais de 120 mulheres ordenadas sacerdote no mundo e que foram excomungadas pela Igreja Católica. Pertencem à Associação de Mulheres Sacerdotisas Católicas Romanas, cujo objetivo é “alcançar a plena igualdade para todos dentro da Igreja como uma questão de justiça e a fidelidade ao Evangelho”. Hoje fazem parte dela 124 mulheres sacerdotisas e 10 mulheres bispas. Estas últimas são as que ordenam as sacerdotisas. Contam que as primeiras mulheres bispas foram ordenadas por um homem, bispo da Igreja Católica.

“O Vaticano argumenta que estamos excomungadas. No entanto, nós não aceitamos isso e afirmamos que somos membros fiéis da Igreja”, dizem na associação. Sua esperança é que, com o Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, o Papa lhes outorgue o perdão.

María Salas Oraá

Acesse no site de origem: [Primeiros gestos de abertura do Vaticano para as mulheres \(El País, 17/08/2016\)](#)

Igreja inclusiva: A igreja é Trans

porque Jesus nunca disse nada contra elas

(El País, 31/07/2016) Congregação inclusiva recebe travestis e transexuais em reunião semanal com oração e roda de conversa

Havia um lugar para Jacque Chanel em todas as igrejas pelas quais passou na vida. A parte de trás. Preferencialmente, onde ninguém notasse sua presença. Em que a porta da rua estivesse por perto, caso uma saída rápida fosse necessária. Não é que alguém a obrigasse a ficar lá, mas é que, no caso dela, chamar mais atenção do que o pastor era algo a se evitar. De comum, caso fosse percebida, seria chamada de possuída, de anomalia, de pombagira, de aberração e daí pra baixo. O pastor ali na frente pregava com louvor que todos eram aceitos naquela casa. Todos menos ela.

Transexual e evangélica, Jacque tem um histórico de rejeição que começou aos 13 anos de idade, quando sua mãe, em Belém do Pará, no norte do país, percebeu que ela não era um menino “comum” e resolveu deixá-la na porta de uma igreja evangélica para ver se ela endireitava. Lá, ela diz ter encontrado o amor de Deus e a intolerância dos homens. Depois de muito rejeitada, saiu da igreja, de casa e, pouco depois, veio dar em São Paulo, onde trabalha como cabeleireira. Isso é o que ela contava ao EL PAÍS, de forma bem resumida, omitindo a dor diária do relato, antes de fazer um círculo de oração que dá início ao encontro que ela organiza toda quarta-feira à noite para travestis transexuais.

Em um sobrado debaixo da via elevada apelidada de Minhocão, em um dos trechos mais degradados do centro de São Paulo, competindo com o barulho dos carros que passam praticamente na altura das janelas de vidro pichadas pelo lado de fora. Jacque se levanta e dá a mão ao grupo de cerca de 20 trans, gays e travestis. “Obrigado, Senhor, por ter nos reunido aqui hoje. Obrigado, Jesus Cristo, pelo milagre de nos ter deixado viver, porque ser trans e estar viva é um verdadeiro milagre”, prega enquanto algumas pessoas da roda fazem interjeições de “glória a Deus” e “amém”. Divulgado em 2015, um levantamento feito pela ONG Transgender Europe diz que o

Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Por aqui, a expectativa de vida dessa população é de apenas 35 anos.

“Quando não são assassinadas, geralmente acontece alguma outra fatalidade”, disse a ativista Rafaela Damasceno em entrevista recente à *Agencia Brasil*. Quem participa do encontro com Jacque sabe bem disso. Não à toa, depois da curta oração, é hora de falar, desabafar, em uma conversa conduzida por um psicólogo voluntário. Depois ainda virá mais uma reflexão de um texto bíblico e, por fim, um jantar preparado pela própria Jacque. Tudo acontece ali no sobrado, sede administrativa da Congregação Cristã Nova Esperança (CCNE), uma igreja inclusiva - que não faz distinção de gênero para aceitar fiéis e pastores -, da qual o encontro semanal das transexuais faz parte. Oração encerrada, o tema da conversa da noite não podia ser mais simbólico: identidade.

O papo começa com um desabafo da Evelyn, de 45 anos, que diz estar tendo muita dificuldade para colocar seu nome social - o feminino - em seus documentos. Todas concordam que, apesar de estar na lei, essa é uma luta diária. “O que a gente ouve o dia todo é ‘não’”, dizem. Segundo elas, o único órgão que não traz dificuldades nesse caso é o SUS. Muitas vezes só essa carteirinha tem a identidade com que elas se reconhecem. Amanda, de 27 anos, emenda dizendo que, como o que está impresso na carteira de trabalho é uma coisa e a realidade é outra, o único jeito de conseguir um emprego é se fantasiando de homem. “O problema é que a partir de certo ponto da nossa transformação, fica impossível fingir que é ‘bofinho’. Aí o pessoal fica: ‘que treco é esse? é um sapatão?’”, brinca para a gargalhada geral.

“Esse encontro não é um culto evangélico fundamentalista, não esperamos converter ninguém, nem impor nada. Isso aqui é uma porta de entrada para a possibilidade de uma vida mais digna. A parte espiritual existe, mas só se aprofunda quem quer”, diz Jacque. Ao menos cinco das participantes daquela noite dizem ser espíritas ou de religiões afro-brasileiras e não ter interesse imediato no cristianismo. “A oração que faço no início é ecumênica, eu sou evangélica, mas não espero isso delas”, completa. Já no final da roda de conversa, Simone, 40 anos, pede a palavra para dizer que nem mesmo novos documentos fazem com que as pessoas respeitem quem ela é.



Jacque Chanel durante a reunião (Foto: Bruno Fujii)

“Eu sou evangélica e quando ia à igreja, o pastor olhava pra mim e chamava o ‘irmão Fábio’ para orar lá na frente. Quem é o irmão Fábio? Ah, é! Sou eu. Como pode? Olha pra mim: peito, bunda e cabelo comprido!”, diz Simone. E por que ela continuava indo? “Por que eu sentia que Deus estava ali. Ele está em outros lugares, mas lá era o lugar de eu encontrar com Ele”. Em momentos como esse, em que o assunto sexualidade e religião emergem naturalmente na conversa, Jacque aproveita para sugerir: “Pois não vá mais lá, eles nunca vão te aceitar. Você pode vir aos cultos religiosos da CCNE”.

A “Igreja Trans”, como tem ficado conhecido o encontro semanal de Jacque na região, é, na verdade, o Ministério Séforas, um dos braços da CCNE - só uma das várias igrejas inclusivas que têm surgido no Brasil nos últimos dez anos. A congregação independente, a exemplo de muitas outras do seu tipo, não se diz propriamente dita evangélica, mas segue a liturgia pentecostal com cantos gospels, louvores a Deus e sermões. Em um culto regular de domingo, um desavisado demoraria a perceber que aquela igreja não é como a maioria: só se atentando aos casais homoafetivos abraçados nos bancos é que notaria a diferença. Em tempos em que muitas igrejas adotaram o discurso da “cura gay”, tratando a diversidade sexual como anomalia, tem sido em espaços como esses que a população LGBT tem conseguido expressar sua espiritualidade cristã livremente. Afora as inclusivas há duas possibilidades hoje: ocultar a identidade de gênero ou deixar os bancos da igreja.

“Nós não somos uma coisa para se olhar com curiosidade, somos uma realidade que tem aumentado cada vez mais. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus e também temos o direito de viver em comunhão com Ele, o texto bíblico não pode ser lido do mesmo jeito que era lido séculos atrás. Jesus nunca disse nada contra nós”, diz o pastor homossexual Justino, fundador da CCNE. Hoje a congregação está em 20 cidades, e já tem uma sede internacional, em Piza, na Itália, onde a pastora é uma transexual. Justino estima que atualmente a igreja tenha cerca de cinco mil fiéis. Para o antropólogo e professor da USP, Marcelo Natividade, “não é possível quantificar o número de seguidores das inclusivas, mas um dado importante é que em só 10 anos já é possível dizer que toda capital brasileira tem uma dessas”.

Se novas igrejas inclusivas não param de surgir, Natividade também aponta para movimentos de líderes religiosos que podem mostrar que elas já foram notadas: “Recentemente o bispo Edir Macedo disse que ele não poderia julgar um homossexual, que seria necessário olhar a questão com os olhos de Jesus”. O antropólogo também lembra que o papa Francisco disse em pronunciamento que os cristãos devem “desculpas aos homossexuais”. Uma pesquisa recente, realizada pelo coletivo Vote LGBT, mostrou que metade da Parada LGBT 2016, de São Paulo, identificou-se como cristã. Não é que a vida da população LGBT esteja fácil, mas lentas mudanças de comportamento sobre a questão são notadas. A realidade de gays e lésbicas, contudo, é bem diferente das travestis e transexuais que frequentam as reuniões de Jacque. Sem dúvida, elas são a minoria nos cultos das igrejas inclusivas.

“Igrejas não deixam de ser igrejas, de ter dogmas, e a monogamia e o discurso contrário à prostituição são duas coisas muito enraizadas, inclusive nas congregações inclusivas”, diz Natividade. É uma contradição. Se, um dia andando pela rua Major Sertório, zona de prostituição de travestis e trans, o pastor Justino se deu conta de seu próprio preconceito e resolveu abrir as portas para Jacque e suas reuniões, ele continua abordando o adultério em muitos de seus sermões e se orgulha de que, no ano passado, apenas um casal da congregação se separou. “Como muitas trans e travestis vivem de prostituição, o discurso dogmático vira um impedimento para elas”, comenta o professor da USP.

À frente do Ministério Séforas, que além dos encontros semanais também realiza um sarau cultural bimestral com performances gospel e ecumênicas, Jacque diz que seu trabalho é ser uma porta para um momento de acolhida. “Onde essa porta levará, pouco importa. O que eu não posso é tornar a vida delas, que têm dificuldade até para serem chamadas pelo nome certo, ainda mais difícil”, diz. Com o Ministério, ela já ganhou quatro prêmios e tem recebido cada vez mais pessoas. “O público é muito rotativo, mas sempre tem as que voltam mais vezes, algumas vão para a igreja, outras não”.



Reunião semanal na igreja (Foto: Bruno Fujii)

A localização da sede da CCNE, entre as regiões da República e Santa Cecília, diz muito sobre quem vai aos encontros do Séforas. O barulho constante dos ônibus e carros que interrompe pensamentos; a penumbra da entrada do sobrado; a prostituição e o tráfico de drogas nas ruas da região; os pilares sujos e crus que sustentam a pista elevada do Minhocão – verdadeira cicatriz aberta separando bairros prósperos do centro degradado da cidade. É nesse cenário que todas as quartas-feiras as transexuais vão atrás de acolhimento e, quem sabe, de algo que possam chamar de Deus.

Depois da roda de conversa, em que a conclusão fundamental foi que o processo de reconhecimento da identidade das transexuais talvez não seja concluído na geração delas, o clima foi de descontração no jantar. Enquanto Jacque serve macarrão com frango, preparado na cozinha do Centro de Referência da Diversidade de São Paulo, a alguns quarteirões do sobrado, algumas trans pedem mais informações sobre os encontros, sobre os cultos da CCNE, sobre como tirar documentos. Já na calçada, quando todos começam a ir embora, Simone, a mesma que foi insistentemente chamada de “irmão Fábio” por seu antigo pastor, diz com um abraço ao repórter: “Se quiser, você pode voltar sempre, querido. Aqui todos são aceitos”.

André de Oliveira

Acesse no site de origem: [*Igreja inclusiva: A igreja é Trans porque Jesus nunca disse nada contra elas \(El País, 31/07/2016\)*](#)

Papa Francisco abre a porta para que as mulheres façam casamentos e batizem

(El País, 12/05/2016) *Bergoglio aceita a proposta das madres superiores de estudar dar um papel maior às mulheres*

Já desde sua primeira viagem, ao Rio de Janeiro, o papa Francisco se mostrou partidário de que as mulheres adquirissem um papel de maior relevância na Igreja católica – “não nos podemos limitar às mulheres coroinhas, à presidenta da Cáritas, à catequizadora; é preciso fazer uma profunda teologia da mulher” –, mas desde aquelas palavras até agora se passaram três anos sem nenhum avanço. Talvez por isso durante a audiência no Vaticano para mais de 900 superiores de institutos religiosos femininos Jorge Mario Bergoglio anunciou “a possibilidade no dia de hoje” de que as mulheres

possam aceder ao diaconato, o grau inferior na hierarquia, abaixo do sacerdócio, mas já com a função de ministrar o batismo, distribuir comunhão e celebrar casamentos.

Leia mais: [*Papa defende a valorização do papel das mulheres para a Igreja Católica \(El País, 12/05/2016\)*](#)

Durante o encontro com a UISG, a associação que reúne as superiores de todas as ordens religiosas, uma delas perguntou diretamente ao Papa: “Por que a Igreja exclui as mulheres do diaconato?” E outra insistiu: “Por que não constitui uma comissão oficial que estude essa possibilidade?”. Bergoglio, que costuma preferir o corpo a corpo aos rígidos discursos institucionais, aceitou a sugestão. Explicou que em certa ocasião já falara com “um sábio professor” que tinha estudado a função das mulheres diaconisas nos primeiros séculos da Igreja, mas que a questão não estava clara. Em seguida, como se refletisse em voz alta, acrescentou: “Constituir uma comissão oficial para estudar a questão? Acredito que sim. Seria um bem para a Igreja esclarecer este ponto. Estou de acordo. Falarei para fazer algo nesse estilo. Aceito a proposta. Será útil para mim ter uma comissão que esclareça bem isso.”

Depois de séculos de fechamento absoluto, o compromisso de Francisco -assumido, além disso, diante de mais de 900 mulheres com funções de comando em suas respectivas comunidades religiosas- adquire uma grande importância. Um Papa que duvida, improvisa e assume compromissos em público é, sem lugar para dúvidas, um Papa diferente.

Embora já no Novo Testamento -especificamente na Epístola aos Filipenses, datada de meados do primeiro século depois de Cristo- se fizesse menção aos diáconos, o Concílio Vaticano II situou o diaconato em grau inferior na hierarquia, abaixo do sacerdócio, e estabeleceu entre suas funções as de “administrar solenemente o batismo, reservar e distribuir a comunhão, ajudar nos casamentos e bendizê-los em nome da Igreja, levar o viático aos que agonizam, ler a Sagrada Escritura para os fiéis, instruir e exortar o povo, presidir o culto e oração dos fiéis, administrar os sacramentos, presidir o rito dos funerais e sepultura”. Como os sacerdotes, o diácono pode vestir sotaina ou o chamado “clergyman”, uma camisa em geral escura com colarinho.

Com relação a uma maior relevância para a mulher na Igreja, o Papa se mostrou bastante partidário durante o voo de regresso do Rio de Janeiro, em 29 de julho de 2013: “Sobre a participação das mulheres na Igreja não nos podemos limitar às mulheres coroinhas, à presidenta da Cáritas, à catequista... Tem de haver algo mais, é preciso fazer uma profunda teologia da mulher. Quanto à ordenação das mulheres, a Igreja falou e disse não. Assim disse João Paulo II, mas com uma formulação definitiva. Essa porta está fechada. Mas sobre isso quero dizer-lhes algo: a Virgem Maria era mais importante que os apóstolos e que os bispos e que os diáconos e os sacerdotes. A mulher na Igreja é mais importante que os bispos e os padres. Como? Isto é o que devemos tratar de explicar melhor. Creio que falta uma explicação teológica sobre isto”.

Com suas palavras nesta quinta-feira, Francisco volta a obrigar a Igreja católica a debater sobre si mesma, a avaliar se os velhos caminhos são ainda os corretos.

Pablo Ordaz

Acesse no site de origem: [Papa Francisco abre a porta para que as mulheres façam casamentos e batizem \(El País, 12/05/2016\)](#)

Padre excomungado cria igreja que apoia a comunidade LGBT e sexo por prazer

(UOL, 24/03/2016) “O maior prazer mundano é o sexo. Não tem nada melhor do que ter um orgasmo. E eu não vivo na castidade, pois, apesar de escolher ser padre, continuo humano e tenho minhas necessidades sexuais”, afirma padre Beto, excomungado pela Igreja Católica, em novembro de 2014. A transparência e a franqueza a respeito de assuntos considerados

tabus pela instituição, como a homossexualidade, fizeram a Santa Sé destituí-lo de sua função sacerdotal.

Para “explicar” sua saída da entidade cristã, Roberto Francisco Daniel coloca toda a responsabilidade em sua esperança de que houvesse mudanças no discurso católico, principalmente no que diz respeito aos assuntos ligados ao sexo. “A Igreja enxerga a sexualidade como algo negativo, que nascemos do pecado, e prega que o sexo só deve ser feito com finalidade de reproduzir a espécie. Não poder transar antes do casamento não faz sentido, uma vez que você só conhece uma pessoa na sua intimidade. Qual é o problema disso? E aí entram outras questões tão absurdas quanto, como a proibição do uso de métodos contraceptivos. A Igreja só aceita quem não vive plenamente sua sexualidade”, declara.

Desde então, ele decidiu continuar usando o título de padre e fundou sua própria religião, a Humanidade Livre, em Bauru, no interior de São Paulo. Em janeiro de 2015, padre Beto celebrou a primeira missa da nova comunidade. “Acreditamos em Jesus Cristo, rezamos apenas com o Evangelho e deixamos para trás assuntos como a vida após a morte e preceitos morais impostos pela Igreja.”



Local onde fica o Santíssimo Sacramento, a Eucaristia, na Humanidade Livre (Foto: Neide

Carlos/UOL)

E não são só as palavras de Cristo que ainda permanecem nas celebrações semanais no local, um galpão simples. Os fiéis também têm oportunidade de comungar. “Enxugamos a celebração eucarística, mas mantivemos sua base”, conta sobre as referências que trouxe da entidade religiosa cristã. Na igreja ainda há um local especial para o Santíssimo Sacramento -ou a Eucaristia- e crucifixos com o corpo de Jesus estão por todos os lados.

A trilha sonora que embala as missas da Humanidade Livre passa longe do que se espera para uma celebração religiosa. “Tocamos Titãs, Legião Urbana, Clube da Esquina, Chico Buarque, Lenine, entre outros nomes da música brasileira. E, a cada domingo, um grupo diferente toca. Na maioria das vezes, a banda é formada pelo pessoal que trabalha em bares aqui da cidade”, fala.

O mais revigorante, segundo ele, é poder estar perto de todas as pessoas, independentemente da raça, sexualidade e crenças. “Em média, recebemos 120 pessoas por domingo. Entre elas, temos casais hétero e homossexuais, solteiros, divorciados, jovens, travestis -embora elas ainda tenham receio de estar em um ambiente religioso- e também idosos”, conta. “Conseguimos acolher todos que a Igreja, de certa forma, não aceita.”



Padre Beto foi excomungado da Igreja Católica em 2014, mas continua exercendo sua vocação

sacerdotal (Foto: Neide Carlos/UOL)

Prova disso, são as celebrações de casamento que ele já comandou desde que saiu da Igreja Católica. “Faço casamentos fora da Igreja –coisa que poucos padres aceitam ou podem fazer. Já celebrei a união de casais gays e de pessoas divorciadas também. A união deve ser celebrada como cada casal sonhou, tem de ter a identidade deles. E eu, como sacerdote, vou para assistir a concretização desse amor e conduzir a cerimônia”, fala.

Para padre Beto, o motivo de conseguir ter quórum, além de estar aberto a qualquer credo, é que todos precisam de um lugar como refúgio. “A Humanidade Livre existe para acolher e para que as pessoas saiam da igreja fortalecidas. Não queremos padronizar o comportamento de ninguém e não pregamos a moralidade. É um lugar de reflexão, mas que também estimula a responsabilidade diante dos momentos difíceis.”

O religioso esclarece que segue fazendo rituais da Igreja Católica porque a excomunhão é “apenas” um banimento e ele permanece sendo um sacerdote. “Sou um padre maldito para a Igreja e estou condenado ao inferno. Independentemente disso, criei minha própria religião e exerço minha vocação.”

Thais Carvalho Diniz

Acesse no site de origem: [Padre excomungado cria igreja que apoia a comunidade LGBT e sexo por prazer \(UOL, 24/03/2016\)](#)

Papa Francisco permite participação de mulheres em

cerimônia de lava-pés

(O Globo, 21/01/2016) Rompimento de tradição secular irrita tradicionalistas e agrada ativistas dos direitos das mulheres

O papa Francisco rompeu com a tradição secular que proibia a participação de mulheres no ritual de lava-pés durante a Quaresma nesta quinta-feira. A iniciativa do pontífice irritou conservadores, mas agradou ativistas dos direitos das mulheres. Em uma carta para o departamento do Vaticano que regula os ritos de adoração, Francisco disse que a cerimônia deve ser composta por “todos os membros do povo de Deus”, incluindo mulheres.

O decreto do Vaticano estabelece que o ritual poderá ser realizado em “homens e mulheres, jovens e idosos, saudáveis e doentes, clérigos, consagrados e leigos”. Além disso, diz que padres devem instruir “fiéis e outras pessoas a participar consciente, ativa e frutiferamente” do ato — o que indica que a lavagem de pés poderia ter a participação de não-católicos.

Até agora, apenas homens ou meninos eram formalmente autorizados a participar da cerimônia, em que um sacerdote lava e beija os pés de 12 pessoas. A tradição relembra o episódio em que, segundo a fé católica, Jesus lavou os pés dos seus doze apóstolos.

Algumas paróquias da Igreja — que tem 1,2 bilhão de fiéis — já incluíam mulheres e meninas no ritual, que acontece a quatro dias da Páscoa. No entanto, a maioria dos países em desenvolvimento ainda segue as regras conservadoras da Santa Sé.

— Esta é uma grande notícia, um maravilhoso passo adiante — disse Erin Hanna, co-diretora da Conferência de Ordenação de Mulheres dos Estados Unidos, que promove o sacerdócio católico feminino. — Isto significa que a mudança é possível e as portas parecem estar se abrindo no Vaticano.

Alguns tradicionalistas, no entanto, advertiram que mudanças como esta poderiam levantar questionamentos sobre o sacerdócio exclusivamente masculino, como aconteceu na comunidade anglicana, que hoje encontra-se fragmentada em questões como a atuação das mulheres na Igreja e os

casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Desde sua eleição em 2013, o papa tem incluído mulheres ao presidir o ritual de lavagem de pés, como já fazia quando era arcebispo de Buenos Aires. O pontífice já lavou os pés de muçulmanos em prisões italianas, o que foi considerado uma ofensa entre os tradicionalistas da Igreja e uma surpresa para os fiéis.

Acesse o PDF: [Papa Francisco permite participação de mulheres em cerimônia de lava-pés \(O Globo, 21/01/2016\)](#)